

AURO DEL GIGLIO

# INICIAÇÃO AO TALMUD



# INICIAÇÃO AO TALMUD

© 2000 by Auro del Giglio

Todos os direitos desta edição reservados para a

**EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.**

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

tel.: 3826-1366 fax: 3826-4508 sefer@sefer.com.br

Livraria virtual: www.sefer.com.br

Produção, Projeto Gráfico, Editoração e Edição Final

**Jairo Fridlin**

Revisão

**Jacob Lebensztayn**

Scanner e edição das páginas do Talmud e Capa

**Ivo Minkovicius**

Mapas

**Thais Przewozinski**

Reedição 2016

**LCT**

Impressão e Acabamento

**Sumago Gráfica Editorial**

**capa:** “The Talmudists”, óleo sobre tela, Max Weber, 1934  
(Jewish Museum, New York).

**Nota:** Nas palavras transliteradas, adotou-se o “ch” para o som de “rr”,  
como carro em português.

**איסור השגת גבול ידוע.**

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,  
sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer.

2000

ISBN 85-85583-28-2

*Printed in Brazil*

**ליכא מידי דלא רמיזא באוריתא.**

*Não há assunto que não seja mencionado na Torá.*

Talmud, Taanit

**מרבה תורה מרבה חיים.**

*Quanto mais Torá, mais vida.*

Avót 2:7

Este livro é dedicado à

**Adriana del Giglio**

em homenagem ao seu Bat-Mitsvá.

Querida Fifa,

desejamos a você uma vida  
muito feliz e cheia de alegrias.

Deus permita que você possa sempre  
nortear-se pelo legado de nossos antepassados,  
presente na nossa sagrada Torá.

*Sandra e Auro del Giglio*

**אל תסג גבול עולם אשר עשו אבותיך.**

*Não removas as marcas criadas por nossos antepassados!*

Provérbios 22:28

**אזכירה שמך בכל דר ודר**

**על כן עמים יהודוך לעולם ועד.**

*Mencionarei Teu nome para todas as gerações,  
para que as nações Te agradeçam eternamente.*

Salmos 45:18

Em memória de meus avós

Samuel e Regina del Giglio <sup>A"H</sup>

Samuel e Aranka Deutsch <sup>A"H</sup>

Em homenagem a meus pais

Norma e Alfredo,

minha esposa

Sandra

e meus filhos

Adriana, Eduardo, David e Denise.

# התובן

## ÍNDICE

|     |                                             |
|-----|---------------------------------------------|
| 9   | Introdução                                  |
| 13  | 1. O que é o Talmud?                        |
| 19  | 2. A Mishná                                 |
| 28  | 3. A Guemará do<br>Talmud Babilônico        |
| 37  | 4. O Comentário de Rashi                    |
| 45  | 5. Tossafot                                 |
| 52  | 6. A Lei Oral                               |
| 57  | 7. Métodos de Derivação                     |
| 70  | 8. As Divisões da Lei Oral                  |
| 84  | 9. A Agadá                                  |
| 103 | 10. Estudo de um Trecho Maior<br>da Guemará |
| 123 | Apêndice                                    |
| 127 | Bibliografia                                |



# הקדמה

## INTRODUÇÃO

O estudioso interessado em se aprofundar no conhecimento do judaísmo certamente, em algum momento, se defrontará com o Talmud. Esta obra monumental, responsável – juntamente com o Pentateuco – pela sobrevivência do povo judeu através dos séculos, é fundamental para que se compreendam as bases éticas, religiosas, filosóficas, legais e históricas da religião judaica. Seu estilo polido e sua estrutura peculiar, embasada muito mais em debates do que em narrativas, constituem, porém, uma dificuldade para sua leitura e compreensão.

Neste livro, o leitor encontrará uma breve introdução ao estudo do Talmud Babilônico, escrita por um iniciante que, a despeito de não ter tido uma educação judaica formal, aproximou-se deste texto já adulto. Através dos princípios de didática utilizados na docência universitária, o autor procurou apresentar o estudo do Talmud de uma maneira bastante acessível ao público leigo.

O livro pode ser lido de duas formas: na íntegra, por aqueles que ainda desconhecem particularidades da história, constituição formal do texto e dos comentários do Talmud, ou concentrando-se apenas no texto talmúdico traduzido e comentado por aqueles que já tenham conhecimentos básicos sobre o Talmud e sua estrutura. De qualquer forma, não haveria uma vivência plena do leitor no estudo do Talmud sem que houvesse uma interação com o próprio texto desta obra. Existem muitos livros sobre o Talmud, mas são poucos os que possibilitam aos leitores a experiência de participar de uma discussão talmúdica e perceber a magia que se estabelece quando estes debates, ocorridos há muitos séculos e preservados intactos nos volumes desta grande obra, se revitalizam a cada vez que seu texto é estudado.

Além de sua enorme importância para o judaísmo, o estudo do Talmud pode ainda aprimorar a todos que a ele se dediquem. O desafio intelectual que representa a compreensão de um texto talmúdico exige do estudante que analise a discussão rabínica, pesquise informações em fontes pertinentes a

fim de enriquecer seu entendimento, aprenda com os diversos comentários e discuta com colegas e professores, emulando novamente as discussões que ocorriam nas grandes academias nas quais o Talmud foi criado.

Além de todo este exercício em capacidades como análise de dados, argumentação, lógica e discussão em grupo, fundamentais para o sucesso profissional nos dias de hoje, o estudante ainda se expõe a conteúdos éticos e humanísticos que foram frequentemente veiculados na forma de narrativas (Agadá) por nossos antigos mestres no seio destes debates. Este estofo moral contextualiza as ações dos grandes rabinos e passa a fazê-lo também em nossas vidas, quando utilizamos suas biografias como um modelo de atuação. Portanto, do ponto de vista educacional, o estudo do Talmud constitui-se em uma oportunidade ímpar para o aprendizado de habilidades fundamentais para o sucesso profissional e acadêmico em um contexto ético e humano.

Neste livro, a tradução dos trechos do Talmud aparece em **negrito** e as explicações acerca do texto em caracteres *itálicos*; eventuais adições ao texto talmúdico foram colocadas entre colchetes. Os versículos do Pentateuco citados nesta obra foram extraídos da tradução para o português do rabino Meir Matzliah Melamed, em “A Lei de Moisés”. Agradeço profundamente aos rabinos M. A. Illovits e Boruch Twersky pelas sugestões ao manuscrito deste livro.

Cabe salientar que o autor não pretendeu criar um compêndio sobre o Talmud e se excusa por eventuais erros e impropriedades que tiverem escapado aos seus olhos, apesar das rigorosas revisões que o texto sofreu durante sua elaboração.

Que este livro consiga introduzir e estimular o leitor a mergulhar neste imenso e deslumbrante mar que é o Talmud.

São Paulo, Tishrê de 5761, Outubro de 2000.

Auro del Giglio

*“Se a Bíblia é o elemento mais básico do judaísmo, então o Talmud é seu pilar central, estendendo-se desde as suas fundações e sustentando todo o seu edifício espiritual e intelectual.”*

Rabino Adin Steinsaltz





## O QUE É O TALMUD?

A lei judaica se baseia nos ensinamentos transmitidos diretamente por Deus a Moisés no monte Sinai sob duas formas: uma escrita, e que veio a constituir o Pentateuco, e outra oral, dada também por Moisés aos sábios daquela geração que, por sua vez, a transmitiram às gerações subsequentes, sem a existência de um registro escrito.

Com a destruição do Segundo Templo e a resultante dispersão do povo judeu na Diáspora, os rabinos sentiram a necessidade de registrar as tradições orais de forma escrita, para que estas não se perdessem. Graças ao trabalho dos Tanaítas (“Tanaim”), tendo como expoente o rabino Judá Ha-Nassi, tal tarefa foi levada a cabo por volta do século II da era comum, constituindo, assim, a Mishná. Esta, por sua vez, foi exaustivamente estudada nas academias de Jerusalém e da Babilônia pelos diversos Amoraítas (“Amoraim”) e, nos séculos seguintes, dois corpos de comentários da Mishná, denominados Guemará, foram redigidos, um na Palestina e outro na Babilônia.

O conjunto de Mishná e Guemará constitui o Talmud (ou Talmude) que, por sua vez, de acordo com o local no qual a Guemará foi criada, se denominará Talmud de Jerusalém ou Talmud Babilônico. Como na Babilônia o ambiente era mais profícuo para o estudo, dada a melhor situação econômica e maior estabilidade política, o Talmud Babilônico, concluído por volta do século VI, é mais elaborado que o Talmud de Jerusalém.

A estrutura do Talmud consiste, portanto, nos vários trechos da Mishná, aos quais se agregam comentários, explicações e debates sobre o seu conteúdo legal, além de muitas narrativas que, em conjunto, constituem a Guemará. Na Guemará encontramos um rico acervo de debates sobre as

diversas leis rituais, comerciais, familiares e sociais. Nestas discussões, através do uso da lógica e de uma série de recursos interpretativos das Escrituras Sagradas, diferentes opiniões rabínicas são contrapostas até que, frequentemente, surja um consenso acerca de uma controvérsia legal em discussão. Quando emerge este consenso, esta passará então a integrar o corpo de leis judaicas, a Halachá.

Os debates talmúdicos têm por característica a aplicação de modelos concretos, como a perda de moedas, vasilhames de um dado tipo e outros, que veremos a seguir. As conclusões derivadas da aplicação destes modelos buscam sempre a verdade, independentemente da aparente trivialidade que uma dada conclusão possa assumir no contexto de um destes modelos. Assim, nossos sábios não se preocupavam em discutir demoradamente leis acerca de um tipo de vasilhame que não mais existia. Tal discussão utilizava este tipo de vasilhame como um modelo concreto e as conclusões obtidas poderiam ser aplicadas em outros contextos, inclusive em situações atuais e, portanto, inexistentes por ocasião da discussão talmúdica inicial.

Esta incessante busca pela verdade determina a existência de um método de demonstração que norteia as discussões talmúdicas, sempre procurando questionar uma explicação aparentemente correta, visando chegar a um estágio de inquestionabilidade que corrobore, de forma irrefutável, um determinado ponto de vista. Muitas vezes, tentava-se conciliar pontos de vista aparentemente opostos através da busca de um denominador comum entre eles.

Frequentemente, as discussões apresentadas na Guemará necessitam de uma explicação para que se compreenda melhor a linha de raciocínio utilizada pelos Amoraítas, ou mesmo seja aclarada melhor a natureza da discórdia entre os rabinos. Devemos ao ilustre comentarista francês medieval **Rashi** uma das mais claras explicações da Guemará, que facilitou muito o estudo do Talmud nos séculos subsequentes e serve, até hoje, de guia para qualquer estudioso desta obra. Outros comentários como as **Tossafót**, que compreendem explicações oriundas de uma série de sábios medievais, assim como outros comentários de sábios mais modernos acerca das questões discutidas na Guemará, também enriqueceram muito o estudo do Talmud.

## COMO É UMA PÁGINA DO TALMUD?

Quando a redação do Talmud foi concluída, por volta do século VI, cópias desse material foram feitas pelos próprios estudantes das academias. Por serem poucas e raras, eram muito preciosas. Muitos sábios memori-

zavam grandes porções do Talmud e ditavam porções do seu texto para serem escritas. Além destas dificuldades, muitas cópias do Talmud foram destruídas na Idade Média durante perseguições e movimentos migratórios dos judeus. A primeira cópia impressa do Talmud apareceu na Espanha, em Guadalajara, em 1482, pouco antes da Inquisição. Outras cópias do Talmud foram posteriormente impressas em outras cidades, como Soncino e Pissarro.

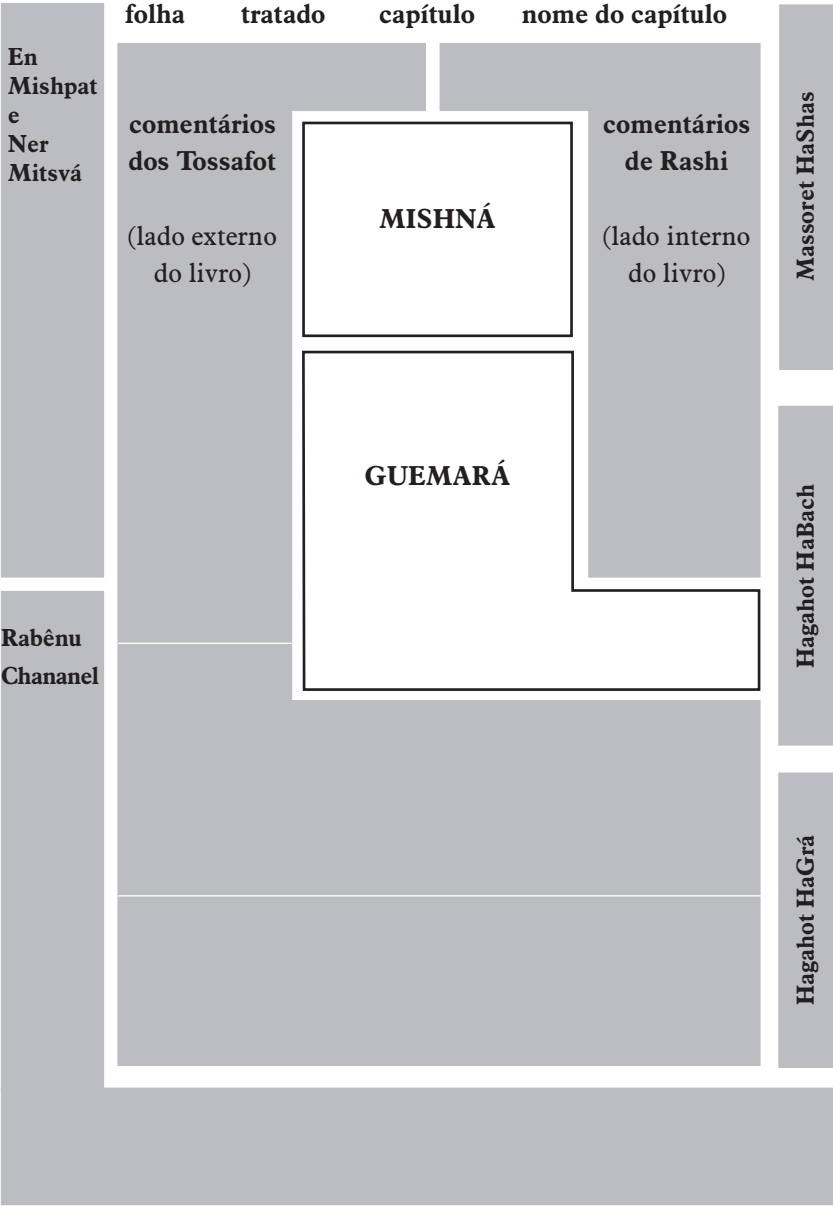
A primeira edição completa do Talmud Babilônico data de 1520, após a aprovação do Papa Léo X, e foi conduzida pelo editor cristão Daniel Bomberg, na cidade de Veneza. A divisão do material da Mishná e Guemará nas várias páginas do Talmud, bem como a diagramação dos comentários principais (Rashi e Tossafót) ao seu redor são ainda mantidas nas edições atuais conforme idealizado por Bomberg. Outras edições posteriores, entre as quais estão as usadas atualmente, apareceram em Vilna e Slavura entre 1880 e 1886. Mais recentemente, destacam-se as edições traduzidas e explicativas, como a Soncino, a do rabino Steinsaltz (israelense) e a edição Shottenstein da Editora Artscroll (americana), que tornaram o estudo desta obra fundamental do judaísmo mais acessível.

A seguir destacamos a estrutura de uma página do Talmud como a encontramos hoje nas edições clássicas desta obra.

Cada página pertence a um capítulo que, por sua vez, está inserido em um tratado, indicados na margem superior. A página (*Amud*), por sua vez, tem uma face anterior (א) e uma posterior (ב). Como podemos observar, o texto da **Mishná** e o da **Guemará** ocupam uma posição central na página e são rodeados pelos comentários de **Rashi** e **Tossafót**. Ao lado destes, por sua vez, encontram-se comentários de outros sábios, como o do **Rabino Chananel** (990-1055). Encontra-se também nas margens laterais da página um índice de referências – **En Mishpat Ner Mitsvá** – escrito pelo rabino Iehoshúa Boaz, que viveu na Itália no século XVI. Neste índice, há referências aos Códigos de Leis (Halachá), como o de Maimônides (Mishné Torá), Iossef Caro (Shulchan Aruch) e Moshe de Coucy (Sefer Mitsvá Gadol), onde se encontram referências às leis relativas às discussões presentes naquela página do Talmud. O **Massóret Hashas** é um conjunto de referências a outras porções do Talmud relacionadas à presente página em estudo. Estas referências foram também compiladas pelo rabino Iehoshúa Boaz.

Nas margens laterais, há também conjuntos de correções e emendas ao texto, como **Hagahot HaBach** – escritas pelo rabino Joel Sirkles, que viveu na Polônia no século XVII – e **Hagahot HaGra** – escritas pelo rabino Eliahu, conhecido como o Gaon de Vilna (1720-1797). Estas correções, anotadas por estes rabinos nas margens laterais dos exemplares do Talmud nos quais estudavam, foram mais tarde incorporadas às edições mais modernas

MODELO DE UMA PÁGINA DO TALMUD



desta obra, e visam corrigir palavras do texto da Guemará, de Rashi e das Tossafót. Grande parte destas anotações derivaram da comparação dos textos impressos com os manuscritos mais antigos destes mesmos textos, então disponíveis para o estudo destes sábios.

Além dos comentários que mencionamos, há vários outros nas edições mais modernas do Talmud. O leitor interessado poderá encontrar mais detalhes nas referências elencadas no final do livro.

## QUAL É A ESTRUTURA DO TALMUD?

O Talmud está dividido segundo as Ordens da Mishná. A Mishná, por sua vez, se divide em seis sessões básicas (**Sedarim**), ou Ordens. As ordens contêm tratados que são subdivididos em capítulos. Existem no Talmud 517 capítulos ordenados em 63 Tratados. Os nomes dos Tratados são oriundos da época talmúdica e refletem o seu conteúdo. Os títulos dos capítulos, por sua vez, contêm as palavras iniciais que abrem o capítulo.

As seis ordens da Mishná e os principais assuntos nelas encontrados são:

1) **Zeraim** (sementes): concentra-se nas leis relacionadas à agricultura, oferendas aos sacerdotes e donativos aos pobres. Devido ao fato da aplicação destas leis serem restritas à Terra de Israel, no Talmud Babilônico encontramos apenas um único Tratado desta Ordem – **Berachot** – que lida apenas com as leis referentes a rezas e bênçãos.

2) **Moed** (festas): trata das festas do calendário judaico ao longo do ano, incluindo o Shabat e os dias de jejum.

3) **Nashim** (mulheres): lida com leis relacionadas ao casamento, divórcio e adultério.

4) **Nezikin** (danos): discute leis civis e penais, além de abordar a proibição à idolatria. Nesta Ordem encontra-se o Tratado **Bava Metsia**, do qual extraímos parte do segundo capítulo para análise neste livro. Encontramos também nesta Ordem o **Tratado de (Pirkê) Avót** (conhecido como “Ética dos Pais”), que contém sùmulas de cunho ético e filosófico expressas pelos sábios do período da composição da Mishná, mas que não foi comentado na forma de Guemará.

5) **Kodashim** (objetos santos): dedica-se às leis pertinentes ao Templo e aos sacrifícios, e também sobre alimentos permitidos e o abate ritual de animais.

6) **Tahorot** (pureza): lida com as leis de pureza e impureza rituais, na maior parte, e de relevância somente para os sacerdotes na época do

Templo. O **Tratado de Nidá**, entretanto, dedica-se às leis de pureza familiar em vigor até os dias de hoje.

No Apêndice desta obra, o leitor encontrará um esquema das Ordens da Mishná e os Tratados que lhes correspondem no Talmud Babilônico.

## QUAL É A LÍNGUA DO TALMUD?

O Talmud foi escrito em hebraico e aramaico. Ambas são línguas semíticas e é devido a esta origem comum que se explica a semelhança entre elas. O aramaico começou como uma língua falada entre as tribos dos arameus há 3.000 anos atrás e evoluiu para uma língua internacionalmente conhecida por ocasião do domínio persa. O aramaico falado na Palestina (dialetos aramaico ocidental) na época da criação do Talmud de Jerusalém é diferente daquele falado pelos judeus que viviam na Babilônia (dialetos aramaico oriental), em cujas academias foi produzido o Talmud Babilônico. Durante os anos que se sucederam, várias palavras foram intercambiadas entre o hebraico e o aramaico, incrementando ainda mais as semelhanças existentes entre estes dois idiomas. Enquanto a língua da Mishná é o hebraico, a Guemará foi escrita predominantemente em aramaico.



## A MISHNÁ

A tradição oral transmitida a Moisés no monte Sinai explica detalhes da observância das leis escritas na Torá. Encontramos, por exemplo, especificações do que é exatamente uma Sucá (cabana) ou Totafót (filactérios, Tefilin), quais os tipos de trabalhos proibidos no Shabat e mesmo o significado exato de algumas das palavras encontradas na Torá. Tais detalhes são essenciais para que se possam observar corretamente as Mitsvót (mandamentos) que nos foram ordenadas e que envolvem o adequado entendimento destes conceitos para o seu cumprimento. Todo este conhecimento fundamental para a compreensão da Torá escrita e para o correto cumprimento das Mitsvót era transmitido oralmente de geração em geração.

Além destas explicações, transmitia-se também a metodologia para a derivação de leis (Halachót) da Torá. Este método permitia aos eruditos de uma determinada geração legislar sobre novas situações não abordadas explicitamente na Torá escrita. Podemos citar como exemplos destas novas situações, regulamentadas pelos sábios, as leis de funcionamento das cortes de justiça e a estruturação do serviço religioso a ser conduzido nas sinagogas. A prece Shemone-Esrê (“Dezoito Bênçãos”), por exemplo, recitada em pé e em posição de sentido, foi originalmente composta pela Grande Assembleia (vide abaixo), mas uma bênção adicional (“Contra os hereges etc.”) foi adicionada mais tarde.

A metodologia de derivação das leis da Torá escrita, através da análise e interpretação do seu texto por regras pré-estabelecidas, constitui uma das mais importantes fontes de leis, o Midrash Halachá. A palavra Midrash tem raiz na palavra “Darash”, que significa inquirir, investigar. Há dois tipos